

POPPY ADAMS

A DANÇA DAS
BORBOLETAS

Tradução de Victor Cabral

1

De vigia

É uma e cinquenta da tarde, e desde a uma e trinta que tenho estado à espera que a minha maninha, a Vivi, chegue. Ela regressa a casa, finalmente.

Estou de vigia junto a uma janela do primeiro andar, uma daquelas com uma pedra abobadada, do género das que se encontram nas igrejas, o meu rosto colado às pequenas vidraças com o feitio de diamantes. Por um instante, o meu olhar foca-se no vidro e capto a imagem ténue e pura do meu olho a fixar-me de volta, uma madeixa desalinhada de cabelo grisalho pelo meio. Não costumo olhar muitas vezes para o meu próprio reflexo e, neste preciso momento, olhar directamente para o meu olho dá-me uma sensação de desconforto maior do que deveria, como se estivesse prestes a ser julgada.

Aconchego o casaco de malha ao corpo – um antigo, do meu pai –, enfiando a ponta solta debaixo do braço. A temperatura baixou um grau, o vento deve ter mudado para leste durante a noite e, mais logo, vamos ter nevoeiro no vale. Hoje em dia, já não preciso de barómetro ou de higrómetro, consigo sentir tudo – alterações da pressão atmosférica, uma mudança na humidade –, mas, para dizer a verdade, penso também sobre o tempo que faz ou vai fazer para me ajudar a não pensar em outras coisas. Agora mesmo, se não tivesse de reflectir sobre isso, já estaria a ficar ligeiramente ansiosa. Ela está atrasada.

Quando bate na janela, o meu bafo torna-se líquido e, se com o meu dedo, o transformar em gotinhas pesadas, consigo fazê-lo escorrer pelo vidro. Deste ponto, consigo ver metade da extensão da alameda coberta de erva, serpenteando por entre as altas e esqueléticas tílias de um lado e de outro, até desaparecer à direita, seguindo pela encosta abaixo em direcção a East Lodge, à rua e ao mundo lá de fora. Se mover a cabeça um bocadinho para a esquerda, a alameda alonga-se e as copas das tílias viram-se de súbito para o lado, distorcidas pelas imperfeições do vidro feito à mão. Movendo-a um pouco para a direita, a barreira de faias fica cortada ao meio, de um e do outro lado de uma bolha do vidro. Conheço todos os caprichos de cada vidraça. Vivi aqui a minha vida inteira e, antes de mim, a minha mãe viveu aqui toda a sua vida, e, antes dela, o seu pai e o seu avô.

Já vos contei que a Vivien dizia na carta dela que regressava de vez? Para ter alguma paz final, escreveu, porque agora, afirmou, deveríamos fazer companhia uma à outra, no que resta das nossas vidas, em vez de morrermos solitárias e sozinhas. Bem, vou confessar-vos uma coisa: eu não me sinto nada solitária, e certamente que não me sinto como se estivesse para morrer, mas, mesmo assim, estou contente por ela voltar para casa. Contento e um pouco nervosa – uma onda de apreensão está a crescer no meu estômago. Não consigo deixar de perguntar a mim mesma de que é que vamos falar depois de todos estes anos e interrogo-me se a vou sequer reconhecer.

Não sou habitualmente uma pessoa dada a emoções. Sou demasiado – como hei-de dizer – ponderada. Fui sempre a irmã sensata, e a Vivi, a aventureira, e até me surpreendo a mim mesma com esta minha excitação por causa da sua chegada iminente.

Ela está atrasada, no entanto. Olho para o meu relógio – o digital, que uso no pulso esquerdo. A carta dela dizia muito explicitamente uma e trinta, e, acreditem-me, não é a minha noção do tempo que está errada. Posso uma grande quantidade de relógios, de modo a ter a certeza de que, mesmo que um ou dois me deixem ficar mal, saberei sempre as horas certas. Quando vivemos sozinhos numa casa da qual raramente saímos, e na qual ainda mais

raramente recebemos visitas, é essencial não perdermos a noção do tempo. Todos os minutos perdidos – e não recuperados – acabariam rapidamente por constituir uma hora, e, a seguir, algumas horas, até que, como podem imaginar, acabaríamos facilmente por passar a viver num quadro temporal totalmente errado.

A nossa mãe, a Maud, e eu passávamos o tempo à espera da Vivi: no *hall*, antes de seguirmos para a igreja, ou a chamá-la de lá de baixo, do patamar da escadaria, para ela se apressar para ir para a escola. E é neste momento, enquanto mais uma vez espero por ela que dou conta de fragmentos da nossa infância a assomarem-me ao espírito, pedaços de conversas, coisas em que nunca mais pensei desde que aconteceram: o nosso primeiro par de botas, que a Vivi escolhera para ambas, pretas e de cano alto, que apertavam em cima, com atacadores; longas tardes, nas férias de Verão, passadas a construir represas no ribeiro, de modo a criarmos os nossos próprios afluentes e as nossas próprias ilhas; escapadelas sorrateiras para dentro da lógia, na altura das colheitas, para bebermos um pouco de sidra antes de a levarmos aos homens nos campos; momentos de riso, juntamente com a Maud, face à rara excitação do Clive quando ele criou uma Pimpinela-de-seis-pintas¹ só com cinco pintas; a nossa primeira viagem para o colégio interno, de mãos dadas, pegajosas, pela expectativa que então partilhávamos, as duas apertadas entre os frascos de químicos na parte de trás do carro do Clive.

Foi uma infância perfeitamente equilibrada e, por isso, interrogo-me sobre o que terá acontecido para que tudo mudasse. Não foi apenas uma coisa. Raramente há apenas uma única causa para que vidas se separem. Trata-se sempre de uma sequência de acontecimentos, uma inexorável reacção em cadeia em que cada pequena peça é absolutamente fundamental, como uma espiral de pedras de dominó colocadas em pé. E eu tenho estado a pensar

¹ Ao contrário do que sucede no Reino Unido, não existem, em Portugal, designações comuns para as diferentes espécies de borboletas de hábitos nocturnos. Assim, optou-se pela tradução mais próxima aos nomes comuns que as mesmas possuem em inglês. (N. do T.)

que o primeiro de todos esses acontecimentos, a peça que se empurra com o dedo para desencadear todo o processo, deve ter sido quando a Vivi caiu da nossa torre sineira e quase morreu, há cinquenta e nove anos.

A torre sineira

Quando a Maud deu à luz a Vivien, a 19 de Outubro de 1940, acreditei que ela tinha trazido ao mundo outras doze crianças de várias idades, todas ao mesmo tempo. Eu tinha quase três anos e recordo-me de quando chegaram a casa, vindas do hospital, num miniautocarro. Quando perguntei à Maud porque tinha tido tantas, ela disse que nós possuíamos a maior mansão do distrito e que caberiam todas lá, bem como duas criadas e uma governanta para a ajudar a tomar conta delas. Mais tarde, o meu pai, o Clive, disse-me que as crianças se chamavam evacuadas. Tinham vindo de Bristol para brincar connosco e duplicar o número de alunos da escola da aldeia de Saxby. Sempre julguei que a Vivi era uma delas, e quando, três anos mais tarde, o pior dos bombardeamentos já tinha passado e as evacuadas já se tinham ido embora, não consegui compreender por que razão a bebé Vivi tinha ficado.

– Ela é a tua irmãzinha, Ginny. *Esta é a casa dela* – dissera a Maud, abraçando-nos, na entrada do *hall*.

Nesse momento, observei a Vivi de alto a baixo, vestida com a sua camisolinha de lã encarnada, o cabelinho espetado no ar e os grandes olhos redondos fixos em mim. A partir daquele instante, passei a ter uma verdadeira adoração por ela. Passaram-se mais dois anos de guerra, e o VJ Day¹ trouxe semanas de festejos. Depois,

¹ VJ Day (Victory over Japan Day) – 14 de Agosto de 1945, dia da rendição do Japão aos Estados Unidos, no término da Segunda Guerra Mundial. (*N. do T.*)

enquanto todas as outras pessoas procuravam adaptar-se à vida num país que estava de rastos, eu e a Vivi continuámos simplesmente a viver a nossa infância na companhia uma da outra, partilhando os nossos segredos e a nossa ração de açúcar.

Bulburre Court não é apenas a maior casa do distrito; é também a mais imponente. Escondida nas suaves colinas da zona rural do West Dorset, e apoiada contra a encosta da sua própria colina, a mansão, domina por completo a aldeia de casas baixas, lá no fundo. Uma desmedida loucura vitoriana.

Há quatro pisos e quatro alas. Nos salões, fogões de sala em mármore erguem-se a prumo sob tectos com cornijas ornamentadas. No *hall* revestido a lambris, uma grande escadaria de carvalho precipita-se majestosamente do tecto abobadado até um soalho em parquê, enquanto por detrás das copas e despensas nas traseiras da casa – o lado norte – serpenteia uma escada mais pequena e secreta, destinada a fazer deslocar discretamente a criadagem para cima e para baixo. Quando eu e a Vivi nascemos, já os dias de glória de Bulburre Court tinham sido enterrados bem dentro do século anterior, numa época em que a mansão e os jardins não teriam funcionado na perfeição sem um mínimo de vinte criados, mais, até, se uma pessoa contasse os rendeiros e os trabalhadores agrícolas, todos originalmente parte da propriedade.

À medida que fomos crescendo, a Casa Encarnada, como era frequentemente designada em virtude da vinha-virgem que, no Outono, pinta o lado sul de encarnado, foi-se tornando conhecida mais como um ponto de referência local do que pelo seu próprio esplendor. Era uma referência para indicar direcções, um espectáculo de passagem para turistas do West Country, com a sua cobertura de caprichos góticos e encimada por torreões com ameias, um mirante, a torre sineira e falsas chaminés ao estilo isabelino, erguendo-se sobre os cumes e vales da imensa paisagem do telhado, tudo arrogância e pompa do fim do período vitoriano.

No exterior, nas traseiras da casa, o pátio calcetado está rodeado por estábulos e armazéns para a maça, uma saleta antiga e um açougue ainda manchado com os instrumentos de matança pendendo sinistramente das vigas. Atrás, a lógia e, depois, seguidos, a

horta e as estufas da Maud, o local de uma antiga horta e um pequeno bosque que vai dar ao jardim de água da ala norte. Para sul, prados que descem desde os jardins em terraços até ao ribeiro, estufas para pêssegos e a secção da cauda, presa com rebites, de um bombardeiro *Halifax* que aterrou nos nossos campos. Depois, ficam aquelas coisas de que só eu e a Vivi tínhamos conhecimento, como por exemplo a azinheira que, por fora, parece maciça, mas que é completamente oca no meio. Trepando aos seus ramos, podíamos descer depois até às entranhas da árvore, onde tínhamos combinado esconder-nos quando os Alemães chegassem.

Bulburrow Court pertencia à nossa família desde 1861, e, desde então, contou-nos a Maud, cada geração não conseguiu resistir a imprimir nela a sua marca, de modo que a mansão se converteu num registo evidente da sua própria história.

– Ou os vitorianos tinham muito mau gosto ou, então, nós é que fomos uns vitorianos com muito mau gosto – dizia a nossa mãe. – Cada um de nós colocou o seu brasão aqui, as suas iniciais, acolá, e um ou dois torreões por todo o lado –, e a verdade era que se percorrêssemos toda a mansão, seríamos confrontados pela relativa presunção, ou falta de gosto, de cada um deles. O primeiro de todos, Samuel Kendal, que fez fortuna ilegalmente, importando fertilizantes agrícolas da América do Sul (algo de que a Maud não se orgulhava), encomendou um gigantesco vitral, com a altura de dois andares, como pano de fundo para a escadaria do *hall*. Representa quatro brasões familiares, completamente forjados – era o que a Maud dizia –, juntamente com pomposas máximas em latim, como se ele tivesse sido, na realidade, o descendente da união de quatro grandes famílias. O filho do Samuel, o Anthony – o avô da Maud –, teve todo o tempo do mundo e, nas mãos, todo o dinheiro do pai; por isso, acrescentou na ala leste uma torre para a observação das estrelas, a qual, desde que sou gente, tem tido uma finalidade bem melhor, a de dar alojamento a uma colónia de morcegos-de-ferradura-grande. Mandou igualmente gravar as suas iniciais, em relevo, por toda a casa, em todos os sítios em que o pôde fazer, coisa que a Maud dizia que fora um erro crasso, na medida em que ele tem sido recordado apenas como o ANK.

Desde essa altura, nada foi acrescentado à mansão, e muito acabou por ruir. De igual modo, nada foi acrescentado à fortuna de Samuel, pelo contrário, a mesma foi sendo reduzida lentamente, uma vez que aqueles que vieram depois dele seguiram uma profissão muito menos lucrativa: o estudo das borboletas e das traças. Deste modo, eu e a Vivien somos descendentes directas de uma eminente linhagem de lepidopterólogos – incluindo Clive, o nosso próprio pai. As grandes salas do sótão e os vastos espaços das caves de Bulbурrow Court, juntamente com muitas das salas da ala norte e a maior parte dos anexos, têm sido reservados, há mais de um século, apenas para o estudo dos lepidópteros, com salas de redes e salas de tanques, laboratórios, câmaras de hibernação, salas para lagartas, tinas para pupas, vitrinas de exposição e uma biblioteca de referência entomológica de renome internacional.

Enquanto para as outras crianças da aldeia, a vida girava em torno do gado e da criação de carneiros, ou das colheitas, o nosso calendário anual girava em torno do ciclo de vida das traças. Para nós, eram horas infundáveis em busca de pupas no Outono, de colheita de musgo no Inverno, tardes de Primavera passadas no campo até ao crepúsculo, no meio dos salgueiros, e longas noites de Verão a montar armadilhas de luz e de melação em clareiras secretas e ermos esquecidos. A Primavera era o período de mais trabalho, o período da emergência, como o Clive lhe chamava, quando, nas salas do sótão, os nossos reprodutores prisioneiros emergiam dos seus casulos de Inverno e se iniciava a época de acasalamento.